

A lúbia de Tartufo

O sr. Camossa Saldanha, monárquico confesso e militante, voltava ontem no *Correio da Manhã* a aconselhar a situação a ter a máxima cautela com uma conspiração das alforjas — as alforjas resumem-se na Maçonaria.

Dado este acaciano conselho, o sr. Camossa irrompe em santa indignação contra a política republicana, manchada por várias negociações escandalosas, e insurge-se contra os republicanos que, segundo afirma, tentam ou tentaram uma aproximação com o titular da pasta da guerra.

Combate os sempre os famosos escândalos urdidos com a colaboração, com a cumplicidade ou com a complacência de muitos políticos, não porque tenhamos o objectivo de moralizar a política e a sociedade burguesa, mas sim porque eles empobreciam ainda mais os trabalhadores, vítimas fatais de todas as especulações e de todas as traficâncias.

Foi esse o objectivo que sempre nos moveu e não o de atacar ou de defender o regime actualmente ainda em vigor.

Detestamos, porém, esta «camossiana» especulação, por ser imoral e mentirosa: nos escândalos havidos, estiveram comprometidos não só republicanos, mas todos os monárquicos que neles conseguiram, com pessoalíssima intenção mercantil, imiscuir-se. Uma parte do alto comércio e da alta finança é composta por monárquicos. No terreno do dinheiro, não há ideias políticas, mas interesses inconfessáveis, quando não autênticas roubalheiras. E o monárquico que negocia tem o mesmo objectivo que o republicano que comercia: enriquecer, rapidamente.

Há, de resto, importantes empresas de exploração pública, com um activo de alguns milhares de contos, às quais estão associados, e vivendo nas mais cordeais relações, monárquicos cotados, alguns com títulos aristocráticos, e republicanos históricos. No mundo das negociações, os interesses sobrelevam as cores políticas.

Ohomem que foi *leader* da oposição monárquica no parlamento não aproveitou o seu lugar de deputado para defender, com inflâmado entusiasmo, os interesses dos senhores, procurando, através de certas concessões, conseguir uma lei do inquilinato que esbulhasse os inquilinos do direito de habitar, colocando-os, sem defesa legal, à mercê de todos os caprichos e de todas as ganâncias dos proprietários?

Quando a conspiração das alforjas, achamos bastante graça ao zelo do *Correio da Manhã* e do seu «camossiano» articulista. Dir-se-ia que é a monarquia que está em perigo e não uma situação militar que se declarou já, várias vezes, integrada no regime existente.

E' curioso perguntar daqui aos senhores do *Correio da Manhã* se os monárquicos são incapazes de conspirar contra a república e se Monsanto não foi uma realidade.

Nada nos interessa o duelo entre os republicanos e os monárquicos, excepto, é claro, no desejo que estes últimos têm de por todas as formas perseguirem e vexarem os operários; roubarem-lhes todas as regalias e atacarem à «outrance» a organização operária. Sabemos que eles, conforme o proclamam, nos seus discursos e artigos, pretendem estabelecer um regime de terror, quando consigam reatar o fio monárquico há 17 anos cortado por uma revolução. E' essa a razão por que lhe respondemos com dureza aos seus ataques e nos pomos em guarda contra as suas intenções.

Com o seu apoio à situação, que para eles representa a vitória da virtude sobre o crime, dão-nos a impressão de que só por uns restos de pudor não gritam, pelos jornais e pelas ruas: «Salvem a república» — para mais depressa subirem a montanha histórica e nela se entranchem...

«O DEPORTADO»

Iniciou-se, em Angra do Heroísmo, a publicação de um jornal intitulado «O Deportado», órgão dos presos políticos que para ali foram enviados. E' seu director, o tenente sr. Ernesto de Almeida.

«A Batalha»

no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

A LUTA CONTRA A TUBERCULOSE

Precisamos dum hospital para o tratamento do terrível «morbis»

Considerações à margem do Boletim da Assistência Nacional aos Tuberculosos

A Assistência Nacional aos Tuberculosos distribuiu há pouco pelos jornais o seu boletim relativo aos meses Novembro-Dezembro de 1926. E' um curioso documento, onde fisiologistas ilustres como Cassiano Neves e Amândio Paul têm seu nome firmado.

Não é despropositado, pois, à margem desse boletim falar da tuberculose e das principais causas originárias desta doença.

As estatísticas demográfico-sanitárias acusam a existência de 20.000 doentes atacados do terrível *morbis* o que corresponde a 60.000 tuberculosos em evolução.

A principal percentagem desta cifra encontra-se nas cidades. Há um médico que, devido a esse facto, considera a tuberculose uma doença própria das cidades e dos grandes aglomerados.

O dr. Cassiano Neves, reforçando essa afirmação, escreveu que «as condições sociais que podem considerar-se como os grandes coeficientes de tuberculização humana, são a miséria, a habitação insalubre, a falta de higiene, colectiva ou individual, o alcoolismo, a sífilis, que, pela morte, são as inevitáveis consequências do urbanismo, fazendo da tuberculose uma doença citadina ou das grandes aglomerações».

Completemos o pensamento do conhecido médico: e das péssimas condições económicas a que as classes pobres estão sujeitas.

E' verdade — como diz o boletim da Assistência Nacional aos Tuberculosos — que o operariado viu elevar os salários depois da guerra. Mas não na proporção da elevação do custo da vida.

Logo a situação económica em que vivem as classes pobres é factor a considerar no coeficiente da tuberculização humana.

Assevera ainda o mesmo dr. Cassiano Neves: «Em toda a parte, por mais lentamente que se caminhe, higiene, o saneamento geral, avançam naturalmente.

E, basta uma melhor higiene, um melhor saneamento das populações, para que a curva da mortalidade geral e da tuberculose quebrem um tanto, mesmo que não se faça uma profilaxia directa da tuberculose.

Tudo isto, dizemos, ainda, para alegar que a mortalidade por tuberculose devia baixar em Portugal, naturalmente, fisiologicamente, mesmo que nada fizéssemos, de braços cruzados que estivessemos, quanto à luta antituberculosa.

E' possível que o ilustre médico tenha razão. Não queremos negar-lhe autoridade. Mas afigura-se-nos que enquanto não se melhorarem as condições de vida dos que trabalham a higienização será uma linda aspiração, mas nunca uma realidade.

Mas deixemos este pormenor. A tuberculose continua a ceifar anualmente milhares de vidas. A profilaxia contra o flagelo está longe de corresponder às nossas necessidades. E' mister reforçar o nosso arsenal anti-tuberculoso, criando-se os agentes necessários para o combate à tuberculose.

Temos que encerrar em primeiro lugar o seguinte facto: As classes pobres são as que maior número de doentes têm, exactamente pelos motivos apontados pelo dr. Cassiano Neves. Logo, todas as instituições que se criem como agentes profiláticos contra a tuberculose têm que favorecer essas mesmas classes pobres.

Ora nós possuímos alguns sanatórios, que recebem o máximo de mil doentes em todo o país, e algumas enfermarias no hospital do Rego onde se acolitam 250 doentes (número máximo).

Esse facto determina o espectáculo que todas as manhãs vemos no hospital de São José: dezenas de pessoas assediando os empregados da Repartição do Registo dos Doentes Hospitalizados a fim de conseguirem uma cama nas enfermarias dos tuberculosos.

A resposta é sempre a mesma:

— Não há vaga! Venha cá para a semana e assim é. As enfermarias existentes não correspondem às necessidades sempre crescentes dos doentes.

E' necessário criar um hospital para tuberculosos. Essa ideia, que há muito tempo é acariciada pelo dr. Lopo de Carvalho, foi agora defendida por este médico ilustre numa entrevista concedida a um jornal da tarde.

Porque não se materializa essa ideia a fim de que saíamos desta situação triste de país com 20.000 tuberculosos só tendo 250 assistência hospitalar?

Sim, porque é bom conhecer que a sanatoriação do doente só pode ser benéfica quando ele se encontra na primeira fase da doença. Fora disso só o hospital, que não aparece a pesar dos perigos que o boletim da Assistência Nacional aos Tuberculosos nos apresenta.

NAS LINHAS DO ESTADO

Principiou já a obra da Companhia Portuguesa Demissões e violências

Razão tínhamos nós, quando se aventou a hipótese da passagem dos Caminhos de Ferro do Estado para a C. P., ao afirmarmos que esta empresa arrendatária seria manifestamente prejudicial ao pessoal das aquelas linhas. Conhecíamos os seus processos e sabíamos quanto ela era capaz, em nome de uma disciplina que só existe para cercar direitos ao que trabalham.

Bastaram apenas três dias da sua administração para que a nossa profecia entrasse nos domínios da realidade.

A única obra que a Companhia Portuguesa fez desde que é arrendatária do Sul e Sueste e Minho e Douro limita-se ao despedimento do pessoal.

A hipótese de Adriano Monteiro, na entrevista que publicamos, principiou já a ser um facto. Pessoal eventual e auxiliar, tudo para a rua.

Pessoal do quadro passou à situação de adido.

Queremos dizer: a C. P. despediu o pessoal do quadro nos termos do contrato, passando-o à categoria de adido. Todas as regalias que ele tinha, desapareceram.

Chega a ser revoltante semelhante procedimento. Homens com 10 e mais anos de casa, sem apêlo nem agravo, são lançados para a fome. Lá no Barreiro ascende a 600 o número dos que foram despedidos.

A C. P. ao lavar a brutal sentença deu ao condenado o velho e conhecido rebaço:

— Vais para a rua, mas eu durante três meses, se és profissional, dou-te dois terços do teu ordenado.

E para os não profissionais:

— Tu como não és profissional receberás apenas um mês e dois terços dos teus vencimentos.

Este rebaço está prometido numa ordem de serviço que foi publicada em todos os lugares de serviço.

Mas o dedo do gigante não tarda a ser descoberto. Aos demitidos a C. P. declarou: — Amanhã sereis admitidos, se dos vossos serviços precisarmos...

Em que condições? Contratados! Isto é: nas condições que convier à sinistra empresa. Sem uma única regalia.

A falta de uma clausula no contrato que defendesse o pessoal dos ódios da Companhia produziu esta bonita obra.

As linhas do Sul e Sueste e do Minho e Douro passarão a ser o campo da exploração do pessoal, desempenhando os semáforos o trágico papel de patibulos!

Semana da Criança

A Comissão Central da «Semana da Criança» continua a receber entusiásticas adesões e interessantes auxílios, especialmente das Juntas de Freguesia que estão cooperando dedicadamente nas festas deste empreendimento.

No intuito de divulgar por todo o país o «cinema educativo», a Liga de Acção Educativa solicitou do sr. ministro das Finanças a isenção de direitos para os «filmes» que vai importar do estrangeiro, esperando conseguir essa isenção a tempo de ainda poder encomendar esses «filmes» para serem já projectados na «Semana da Criança».

O sr. ministro da Instrução prometeu o seu interesse neste assunto junto do sr. ministro das Finanças, a quem a Comissão Central vai procurar para o mesmo fim.

Ao sr. ministro da Instrução vai ser solicitada a cedência do Salão Nobre do Teatro Nacional, onde se pretende levar a efeito a exposição de material didáctico, de cuja organização foram encarregados os professores dr. Adolfo Lima e César Porto.

A Comissão Central pede às comissões locais de todo o país que enviem directamente à imprensa diária da capital, ou aos seus correspondentes na provincia, as notícias dos trabalhos que se forem realizando, bem como os programas das comemorações e das festas.

Nas sociedades de recreio também a «Semana da Criança» será comemorada, tendo já o Club Recreativo Lusitano elaborado o programa da sua matinee infantil, que constará de recitações por crianças, jogos livres e distribuição de bolos e brinquedos, sendo contados alguns contos às crianças pela distinta actriz D. Emilia Berard.

Também a Comissão de Protecção à Infância do Grupo Excursionista 8 de Setembro de 1906 promove uma matinee infantil para as crianças suas protegidas, esperando-se, ainda, a cooperação de outras colectividades recreativas.

O sr. ministro da Instrução Pública, que tem dispensado à «Semana» a mais franca simpatia, mandou circular aos inspectores escolares recomendando-lhes a sua cooperação nas comemorações da «Semana», determinando que nelas tomem parte activa as escolas primárias oficiais.

A comissão realizadora em Lisboa está procurando promover uma matinee infantil, para a petizada de Lisboa, no Coliseu dos Recreios, para o que conta já com a generosa cedência daquela casa de espectáculo, que o seu proprietário, Ricardo Covões, prontamente fez.

O desastre de Barcarena

O funeral de Carlos Joaquim da Silva, o operário vitimado pela explosão da fábrica da pólvora, efectuou-se ontem de manhã, incorporando-se no mesmo os funcionários superiores e todo o pessoal operário daquelle estabelecimento fabril.

O outro operário, António Pedro da Silva, que ficou ferido, continua internado no hospital militar da Estrela.

Consta que o Ministério da Guerra vai conceder à viúva de Carlos Joaquim da Silva uma pensão.

O funeral da vítima

O funeral de Carlos Joaquim da Silva, o operário vitimado pela explosão da fábrica da pólvora, efectuou-se ontem de manhã, incorporando-se no mesmo os funcionários superiores e todo o pessoal operário daquelle estabelecimento fabril.

O outro operário, António Pedro da Silva, que ficou ferido, continua internado no hospital militar da Estrela.

Consta que o Ministério da Guerra vai conceder à viúva de Carlos Joaquim da Silva uma pensão.

SOBRE UM PROJECTO

A reorganização dos Tribunais de Arbitros Avindores impõe-se como uma grande necessidade

afirma-o à «Batalha» o dr. Humberto Pelágio

Quantas vezes, nestas mesmas colunas, temos estampado os protestos de alguns operários por o Tribunal dos Arbitros Avindores não dar andamento às suas queixas? Vezes sem conta esse facto se tem verificado na *Batalha*, atribuindo-se essa demora à deficiente constituição deste tribunal. O que é verdade é que dessas anomalias muitos prejuizos advieram para os interessados.

Ora há tempos começou a falar-se que os Tribunais de Arbitros Avindores iam ser reorganizados. Em que bases? Ninguém o disse dum maneira clara e precisa.

Todavia sabemos que o dr. Humberto Pelágio, juiz-presidente do Tribunal dos Arbitros Avindores de Lisboa, fora o autor do projecto de reorganização desse tribunal. Isso era uma garantia de que os leitores da *Batalha* saberiam dentro de pouco tempo o que se pensava fazer.

O dr. Humberto Pelágio é uma pessoa distinta que recebe o jornalista como pessoa amiga. Dentro daquela austeridade que o lugar lhe marca, o magistrado conversa com o jornalista num a vontade agradável.

Pois, ontem, para o consultório do dr. Humberto Pelágio nos dirigimos para conhecer o que há sobre reorganização do tribunal de que aquele magistrado é presidente. A conversa foi longa. Uma síntese, porém, dá uma ideia geral do que se passou:

— Nos três anos da minha estada no Tribunal de Lisboa — principiou o nosso entrevistado — como presidente reconheci que o tribunal não correspondia aos fins para que foi criado. Daí a ideia da sua reorganização e a elaboração do respectivo projecto feito por mim e pelos meus colegas drs. Augusto da Cunha e João Neves, vice-presidentes do mesmo tribunal, projecto que já foi entregue ao governo.

— Em que bases se faz essa reorganização?

— Mantem-se o princípio da arbitragem facultativa, isto é: tentativa de conciliação e julgamento uma vez malograda aquela. Nalguns países está estabelecida a arbitragem obrigatória, mas entre nós tal processo não daria resultado.

— Qual a modificação mais importante?

— A dilatação da competência do tribunal. Ou mais claro: O tribunal tornar extensiva a conciliação e a arbitragem a toda a sorte de modalidade de trabalho. Um professor, um médico, um engenheiro, etc., pode recorrer ao tribunal.

A guisa de esclarecimento:

— Compreende. As profissões liberais até aqui, se queriam intentar qualquer acção contra o indivíduo que não lhes pagava o seu trabalho tinham que correr aos tribunais ordinários. Se não tinham dinheiro não podiam pleitear.

E o nosso entrevistado vai prosseguindo: — Há outras modificações importantes. Exemplos: Extingue também o meu projecto o recurso aos tribunais do Comércio passando-o para as Relações, pela incoerência que manifestava o julgamento de facto por um juiz unilateral, no qual o trabalho — objecto do pleito — não tinha representação.

— Mas...

— Eu explico. Pela actual organização do tribunal o condenado recorria para o tribunal do Comércio. A causa, contra o princípio jurídico, voltava aqui a ser julgada de facto e de direito. Ora isto é uma incoerência. Este tribunal só de direito é que pode julgar. Resultado: como neste tribunal há apenas uma pauta — a patronal — a decisão do tribunal necessariamente seria favorável ao patrão. Porisso entendo que a Relação é o único tribunal capaz de julgar em segunda instância.

— E quanto à intervenção?

— Eu sei que há colegas meus na advocacia que defendem o princípio da intervenção do advogado nos pleitos. Ora a aceitação deste princípio seria a negação do princípio da arbitragem. Um indivíduo acusa, outro defende-se. E das suas razões aujuzarão os árbitros que procurarão a conciliação.

— Quanto à constituição dos tribunais?

— Sou de opinião que a forma como são eleitas as pautas dá motivo a exclusão de alguns elementos que podem ser muito úteis à classe que os nomeou. Devido a isso eu entendo que o número de jurados é limitado. E' composto por dois delegados de cada associação operária e patronal, que só entram em exercício naqueles casos para que tenham competência profissional. Entre outras vantagens esta fórmula permite que amanhã um vogal serralheiro tome parte numa causa que interessa a um colega profissional. Não se dará, como hoje, o caso de um empregado no comércio tratar de um caso de que só metalúrgico poderia perceber.

— E o tribunal terá verba para se manter com essa nova organização?

— Não tem. Mas no projecto advoga-se o seguinte recurso: que as partes interessadas paguem uma percentagem sobre aquilo que receberem ou pagarem, quando não seja inferior a 500\$000.

A terminar:

— O Estado e os Municípios não têm dinheiro. E' algumas das entidades que vão ao tribunal podem pagar. Olhe: ainda não há muito tempo condenei uma empresa muito conhecida no pagamento de 150 contos. Já vê que esta empresa podia pagar alguma coisa.

NOTAS & COMENTARIOS

A desforra de Satanaz...

Em Nova York, segundo a agência Lusitânia nos comunica, ontem, durante uma reunião dum associação maçónica, deu-se uma formidável explosão, ficando 30 pessoas gravemente feridas. Segundo as Novidades, este acontecimento deverá ter sido um castigo divino, feito baixar das luminosas esferas sobre um coix de herejes, que estavam, de-certo, tramando tráficos planos contra o poder da Divindade.

Satanaz, indignado, jurou vingar os seus camaradas, vítimas da cólera de Deus.

No mesmo dia, consumava a sua vingança, fazendo voltar uma «camionette» que seguia pela estrada de Gouveia, com peregrinos de Fátima, dos quais morreram dois e ficaram feridos seis.

Onde nós vemos uma desforra de Satan, são capazes, porém, as Novidades de nos mostrarem um relumbante milagre de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, objectando-nos que em vez de dois peregrinos, poderiam ter morrido todos...

atribuimos à insuficiência mental nem à preguiça, mas sim à dificuldade existente na escolha entre os seus duzentos e cinquenta colaboradores de um que melhor faça o artigo, visto serem todos igualmente dotados dum grande cultura e dum dialectica formidável. Porque não insistem, ao menos, na restauração da intelligencia pelas «pegas» de cara e de cernelha?

Fracasso

Os peregrinos de Fátima foram pouco afortunados: o sol em vez de bailar escondendo-se entre as nuvens e estas dissolveram-se em água.

Em vez do milagre, houve chuva! Os peregrinos, tiveram de retirar encharcados, desiludidos e enlameados.

Nossa Senhora não se portou como devia: ficou-lhes com o dinheiro e não lhes deu sequer um pretexto para aquele famoso milagre de Torres Novas passar um atestado de cura dum dos seus doentes, considerados, por ela, irremediavelmente perdidos.

Toca o hino

Em Fátima canta-se um hino — um hino que é um acervo de bobagens, como se pode depreender destes adoráveis versos:

Sobre os ramos de Azinheira,
Tu vieste, ó mãe Clemente
Visitar a lusa gente
De quem és a Padroeira.

Esta da Virgem Maria aparecer empoleirada nas arvores só lembrava aos visitantes da aldeia dos macacos, ali do Jardim Zoológico.

Assim, nem comentar se pode!

PARA MASSACHUSETTS

Um telegrama da Internacional reformista

AMSTERDÃO, 9 de Maio — Invocando o nome de 13 milhões de trabalhadores seus aderentes em 24 países, a Internacional reformista dirigiu um telegrama ao governador de Massachusetts, no qual se solidariza com o protesto que no mundo se ergueu contra a sentença que atinge os operários Sacco e Vanzetti.

«Cinco anos de encarceramento, ante a perspectiva constante de uma sentença de morte — assim diz esse telegrama — é já um castigo severo para os grandes crimes; para inocentes, significa o mais sombrio martírio. Em nome da Justiça e da Humanidade, de que a América se mostra tão orgulhosa, a F. S. I. levanta o seu protesto contra a próxima execução dos dois inocentes». — Especial

Uma reunião animada

NOVA YORK, 13 — Durante uma reunião da associação maçónica Oddfellow Lodge, deu-se uma formidável explosão, ficando 30 pessoas gravemente feridas. — (L.)

A REVOLUÇÃO NA CHINA

Como as ideias renovadoras são entendidas pelos camponeses

Kenanj, 12 de Fevereiro. — Passam apenas seis meses após a ocupação da provincia Kenanj pelo exercito revolucionário de Cantão e contudo o procedimento revolucionário já profundamente influíu nos aldeões. Os camponeses libertam-se da opressão feudal e constroem a nova ordem, nova sociedade.

Os órgãos revolucionários dos aldeões são as uniões de camponeses, as quais agora surgem como a principal força criada pelos explorados das aldeias chinesas (cultivadores contrariados, aldeões sem terras próprias ou arrendatários dos campos dos grandes senhores e dos pequenos proprietários).

Os ricos pretendem não exercer nas uniões influência notável, mas a pouco e pouco irão integrando-se no movimento revolucionário. Os grandes proprietários-senhores feudais olham as uniões com profunda aversão.

Em toda a provincia de Kenanj as uniões de camponeses já pertencem dois milhões de famílias, ou sejam dez milhões de habitantes das aldeias — isto é, metade da população total dos campos.

As uniões são organizações potentes e procuram agora regular toda a vida das aldeias chinesas.

Batalha de classes

As uniões de camponeses proclamam a batalha encarnizada contra os possuidores da terra. Entre os camponeses é hoje mote popular o seguinte: «quem possui mais de 1 hectar é considerado grande proprietário». Mas existem muitos proprietários que possuem mais de 150 hectares. (E' justo notar que na China a terra é assás produtiva).

As uniões obrigam os proprietários a declarar para que cobram os impostos.

Está a ser levantada uma luta acérrima contra os juros elevados.

Além da batalha económica as uniões tratam ainda da luta política. Existem até novas normas para punir os proprietários culpados de crueldade, segundo a natureza do crime; a saber:

- a) Multas para o fundo de instrução das uniões (em *Sjans-njanj*, junto do rio Len-Chui, um proprietário foi condenado na multa de 20.000 dólares).
- b) Multa para o celeiro comum, o qual abastece os pobres.
- c) A pena chamada «cabeça alta», a qual consiste em escrever sobre um papel em forma de chapéu a relação dos crimes do arguido, fazendo-o depois percorrer as ruas da aldeia com ele na cabeça.
- d) Prisão nos cárceres das cidades. Houve casos em que as uniões exigiram a morte dos culpados.

E' interessante notar que no princípio os camponeses agiam passivamente. Assim, milhares de aldeões, com música à frente, dirigiam-se à habitação do rico proprietário, do qual exigiam redução dos impostos, e instalavam-se lá até que a sua reclamação fosse satisfeita. E' claro que o sustento dos «invasores» corria por conta do proprietário durante todo o tempo da «invasão».

Muitos dos proprietários fugiram para as cidades; outros procuram manter o seu domínio com ameaças ou habilidades.

Defesa dos camponeses

As uniões de camponeses têm um importante fim a atingir: a reforma da hiúficia popular, que anteriormente estava à disposição dos proprietários. Actualmente, a sua maior parte está nas mãos das uniões. Além disso os componentes das uniões armam-se com lanças.

Luta por melhoria económica

Para melhorar a situação económica as uniões tornam efectivo o seguinte:

- 1) Baixa no preço do arroz (o alimento principal). Conseguiram já o abatimento de 50 por cento, em comparação com o ano passado, pelos seguintes meios: 2) Proibição de exportação de arroz das regiões onde há falta dele; 3) Proibição de agarramento de arroz com fins especulativos; 4) Permissão de venda de artigos supérfluos unicamente no mercado interno; 5) Tabelação de géneros; 6) Abatimento até o mínimo de garantias para arrendamento; 7) Proibição aos proprietários de esbulharem os aldeões das terras arrendadas; 8) Algumas uniões põem em prática a divisa «igualdade na posse da terra»; 9) Baixa nas rendas a pagar; 10) Obrigação de os proprietários cuidarem das estradas.

O proprietário que fugir ao cumprimento destas medidas é castigado.

Ensino

As uniões têm a seu cargo a grave missão do ensino.

Em cada união foram criadas escolas. Em 12 de Fevereiro de 1927 havia em toda a provincia de Kenanj 6.867 uniões de camponeses e estão organizadas 4.000 novas escolas. Nestas escolas foram empregados os impostos eclesiásticos e os impostos lançados sobre os ricos. Justificam as uniões estes impostos sobre os ricos declarando que o analfabetismo dos camponeses resulta da longa opressão política e económica por parte dos proprietários.

Houve exemplos de se terem aproveitado templos para escolas.

Contra a antiga vida

1) As uniões combatem afincadamente o uso do ópio, com o que perde a Inglaterra. Os cachimbos de ópio foram queimados em público e os transgressores são castigados com multas; 2) E' proibido o jogo de azar (o jogo de ossos *madjon*, jogo especial chinês, os jogos de cartas, etc.); 3) São proibidos espectáculos pornográficos; 4) São proibidos igualmente os luxuosos festas tradicionais dos ricos; 5) São proibidos os manjares caros; 6) Luta-se contra o deboche nas ruas, sendo os ricos os próprios que confessam que neste ponto se conseguiram resultados benéficos.

Reconstrução do sistema administrativo

Os antigos funcionários do Estado em geral são desafectos à revolução; por essa

EFEMERIDES

14 de Maio

- 1865—Sai em Bruxelas o primeiro número de *A Margem Esquerda*, semanário de ideias e de crítica.
- 1900—Declaram-se em greve os descarregadores do porto de Bilbao.
- 1903—Os operários e trabalhadores das docas e do porto de Valparaíso regressam ao trabalho, depois duma greve em que os capitalistas perderam um milhão de pesos.
- 1906—Os militantes russos executam o almirante Nusch, comissário superior da polícia de S. Petersburgo e um dos grandes opressores do povo.
- 1913—Por causa das perseguições ao operariado e por causa do *chomage* (só na capital da Rússia havia 130.000 operários sem trabalho), estala a greve geral em S. Petersburgo.
- 1923—A C. G. T. reclama do governo a cessação das perseguições aos grevistas, a libertação da Covilhã, e a reabertura da sua Casa do Povo.
- 1925—Morre no Rio de Janeiro o notável pianista e compositor musical português, Artur Napoleão.

UM GESTO LOUVAVEL

Não pertencemos ao número dos jornais que têm por hábito louvar tudo, mesmo quando a boa lógica manda que se repreva. Por um princípio velho nesta casa só são merecedores de louvor aqueles actos dignos e nobres, quer sejam praticados pelos nossos adversários. Não distinguimos as pessoas quando as temos que atacar ou louvar. É por isso que que já várias vezes temos louvado alguns gestos de pessoas pertencentes a corporações com quem estamos em perfeito antagonismo.

Com o caso de agora não sucede isso. Mas estas considerações servem para vincular a nossa repugnância por tudo quanto cheire a elogio.

Mas vamos ao que interessa. Ontem nesta redacção esteve o operário metalúrgico Luis dos Santos Vale, contando-nos que no dia 16 de Abril, pelas 10 horas, foi acometido de uma forte dor no coração na rua Domingos Sequeira. Na ocasião passava um *taxi* da Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs. O *chauffeur* do auto conduziu-o imediatamente a casa e quando lhe pretendiam pagar a importância da corrida negou-se a aceitá-la.

Luis dos Santos Vale mostra-se muito grato com este gesto e pede-nos que o tornemos público.

Ai fica o desejo daquele operário por se tratar do elogio de um acto a que não devemos regatear aplausos.

Arquivo do Enfermeiro

Publicação mensal de conhecimentos de enfermagem e pequena cirurgia; útil a todos.

Assinaturas trimestre 6\$00—Anual 2\$00. Pedidos à administração de *A Batalha*.

O SERVIÇO DO CORREIO EM BONCALO

GONCALO, 12.—Conforme, há tempos, referimos, esta localidade estava na iminência de ficar sem correio porque o encarregado da caixa-postal, como não lhe dessem mais de dez centavos, resolveu enviá-la à Administração dos Correios, na Guarda.

A fim de evitar que ficasse a povoação privada de correio, constituiu-se uma comissão a qual resolveu garantir ao encarregado o ordenado de trinta escudos.

Para arranjar a receita estabeleceram uma espécie de contribuição, sendo os que menos têm quem pagar a maior verba.

Sendo esta terra a freguesia mais importante do concelho da Guarda, não seria justo que se criasse aqui uma estação telegráfico-postal, com o que muito lucrariam as freguesias circunvizinhas?

Federação Portuguesa de Solidariedade a Presos e Perseguidos por Questões Sociais

Reüniram, em conjunto, o Comité Executivo e o Comité de Lisboa.

Foi tomado conhecimento da constituição de vários comités locais em diversos pontos do país regosiando-se com isso e com a actividade de alguns camaradas na província, tendente à constituição doutros.

Foi resolvido entrevistar várias entidades acerca da situação dos presos, com o Secretariado de Assistência Jurídica.

Pelo Comité de Lisboa foram constatadas muitas adesões, tendo de novo endereçado, aos sindicatos e outros camaradas e pelas oficinas, uma circular para a cobrança a fazer da melhor forma.

A Federação exorta todos os trabalhadores a concorrer para os presos por questões sociais, para o que já está habilitada a fornecer o necessário expediente (selos-cotas e cadernetas).

Todos os camaradas que se queiram empenhar de fazer cobrança em oficinas podem dirigir-se a qualquer membro desta Federação ou ao Comité Local, na Calçada do Combro, 38-A, 2.ª, ou na Federação Ferroviária.

A questão do exercício de farmácia

Pede-nos a Comissão de Defesa dos Ajudantes de Farmácia a publicação da seguinte nota oficial:

«A Comissão de Defesa dos Ajudantes de Farmácia, tomando conhecimento que a Sociedade Farmacéutica Lusitana convidou os representantes dos jornais diários da capital para uma conferência particular, feita à porta fechada, onde tencionava expor os seus pontos de vista e as razões que lhe assistem neste pleito entre farmacêuticos e ajudantes de farmácia, vem lembrar que, no interesse do público e, ainda, da própria Sociedade Farmacéutica Lusitana, essa conferência deve ser pública, e admitida a contradição, para a qual esta comissão se oferece desde já».

motivo têm sido despedidos e reconstruído o sistema administrativo ao mesmo tempo. As uniões de camponeses fazem-se de facto a mais forte potência nas aldeias. Conclui-se que os aldeões chineses vivem agora um período intensamente revolucionário, em que se desenvolve extraordinariamente a luta de classes. As velhas tradições e modos de vida são banidos e a nova ordem ergue-se sobre uma base mais progressiva.

Este povo de 500 milhões de almas acordou e vencerá decerto na batalha contra os opressores. (Sennacul).

Diz Sian TSCIAN

CRONICA DO ESTRANGEIRO

O 'raid' aéreo Paris-Nova York

Apareceram já os aviadores franceses

diz uma informação oficial

PARIS, 13.—A embaixada norte-americana nesta cidade recebeu um cabograma do almirante dos Estados Unidos, comunicando-lhe a chegada de Nungesser a Halifax. O embaixador telefonou imediatamente ao ministro da guerra participando-lhe a grata notícia. — (L.)

As pesquisas que se fizeram

CHERBURGO, 13.—Chegou ontem, à noite a Cherburgo, o irmão do aviador Nungesser, que disse terem sido infrutíferas todas as pesquisas no canal da Mancha admitindo, porém, a hipótese de uma descida ao norte da Terra Nova, para fugir à neve. — (L.)

As falsas notícias

PARIS, 13.—Resultado inútil o inquérito para descobrir a origem das falsas notícias, provenientes de New-York, acerca de Nungesser. — (L.)

A tentativa dos aviadores americanos

NOVA-YORK, 13.—O aviador Bertrand declarou estar pronto a tentar o *raid* Nova-York-Paris no hidro-avião *«Ministério»*. Tencionava iniciar hoje o seu voo transatlântico. — (L.)

Hipocrisia imperialista

Uma fictícia conferência do desarmamento

GENEVA, 13.—Os governos francês, alemão e japonês comunicaram à secretaria da Sociedade das Nações que aceitavam o convite dos Estados Unidos para a conferência do desarmamento naval, a reunir em Genebra no próximo mês de Julho. Na conferência devem tomar parte 50 delegados e peritos daqueles países. — (L.)

Conservadores e comunistas

Um assalto da polícia inglesa

LONDRES, 13.—Esta madrugada, pela uma hora, 200 polícias cercaram e assaltaram uma casa onde estavam reunidos elementos bolchevistas ingleses e russos. Foram apreendidos documentos pertencentes ao estado maior britânico. As prisões efectuadas foram em grande número. A casa assaltada pela polícia chama-se *«Arsos»*. O número de documentos apreendidos é de duzentos mil, tendo também caído em poder da polícia muitas espingardas e pistolas. — (L.)

Contra deputados comunistas

PARIS, 13.—A câmara dos deputados nomeou uma comissão de onze membros para examinar o levantamento das imunidades aos comunistas *Doriot*, *Vaillant* e *Couturier*. — (L.)

A perseguição em Inglaterra

LONDRES, 13.—O encarregado dos negócios soviéticos nesta cidade foi hoje ao ministério dos negócios estrangeiros apresentar o seu protesto formal contra o assalto efectuado ontem pela polícia ao prédio onde se achavam reunidos elementos comunistas. — (L.)

Rutura de relações diplomáticas?

LONDRES, 13.—Durante o dia de hoje, a polícia realizou buscas na sede das sociedades cooperativas Pan-Russas e nos escritórios e delegações comerciais soviéticas. Alguns jornais afirmam que a atitude do governo significa o início da rutura das relações diplomáticas entre Moscou e Londres. — (L.)

Política burguesa

Uma infidelidade de preço reduzido

DURBAN, 13.—O tribunal arbitrou ao chefe zulu Solomona 670 libras em vez de 5.000, pedidas por este, como indemnização, a um jornal do Natal que acusou Solomona de infidelidade ao trono britânico, manifestada durante a visita do príncipe e princesa de Gales, em 1925. — (L.)

Um negócio de partilhas

CONSTANTINOPLA, 13.—O tribunal arbitral, constituído nesta cidade para julgar o processo intentado por Abbassim, ex-rei do Egito, contra a Inglaterra, por esta lhe ter confiscado as propriedades quando foi deposto, e em que pede uma indemnização de 3 milhões de libras, reuniu ontem para deliberar da incompetência dos tribunais turcos. A questão foi contestada pela Inglaterra. — (L.)

A luta entre grãos

ATENAS, 13.—O governo comunicou que, por comum acordo entre todos os partidos, foi incumbido ao conselho superior do exército de examinar as reclamações dos oficiais ainda não reintegrados no serviço efectivo, e que as decisões deste serão definitivas. — (L.)

As inundações do Mississippi

NOVA YORK, 13.—Continuam as inundações causadas pelas cheias do Mississippi. As águas invadiram agora a cidade de Baiona, causando prejuízos incalculáveis. O nível da água em Nova Orleães desceu um pouco. — (L.)

O terrível fantasma

São raras as crianças sãs

Nas regiões de turfas, experiências médicas provaram que quase não há crianças inteiramente sãs. A tuberculose é na região um fantasma terrível. A doença encontra campo propício, porque as crianças andam vestidas de farrapos, alimentadas miseravelmente e quase sempre alojadas em verdadeiras cavernas. — (Sat-serv)

Mas são inúmeros os frades

BERLIM, 13.—Existem actualmente na Alemanha 11.250 frades e 71.720 freiras. Os comentários são supérfluos! — (Sat-serv)

Pequenas notícias

Um expresso através da Europa

LONDRES, 13.—Será efectuado na próxima

A BATALHA NA PROVINCIA E ADEQUADOS

Benavila

Procedimento indecoroso

BENAVILA, 13.—Temos pelo professor primário uma grande simpatia e uma grande consideração, dada a utilidade social da função que desempenha.

Isso nos leva a verberar indignadamente o professor Leão, desta vila, o qual em vez de fazer respeito ao seu modo de vida e de respeitar os alunos, tem cometido os mais repulantes actos.

Esta criatura, em vez de ensinar as crianças por boas maneiras, espancava-as brutalmente! O terror que ele causava entre os alunos era tal que um deles só por o pai o ter mandado para escola, tentou suicidar-se.

As alunas foram vítimas de actos obscenos que não podem ser reproduzidos nestas colunas. Todas estas infâmias chegaram ao conhecimento da população, a qual, depois de se certificar da sua veracidade, redigiu um abaixo assinado reclamando a sua expulsão.

O professor, vendo-se descoberto, não mais voltou a dar aulas, dando logo parte de doente, isto com o receio de lhe acontecer algum desaire. O povo deseja, porém, e ver-se livre dele, quanto antes, e mais nada.

Mirandela

Carestia da Vida

MIRANDELA, 12.—Continua sendo bastante grave a crise de trabalho nesta vila. E como isto não bastasse, o custo da vida agravou-se, ultimamente, duma maneira bastante sensível.

A carne de vitela sofreu um escudo de aumento por quilo; o azeite está a 12 escudos o litro e tem oleo misturado; as batatas estão a 1\$50 e um pão de centeio custa 5\$00.

Em compensação aumentou o número dos padres: nesta vila havia um, pois já cá apareceu outro. Como vêm, a terra é má para os operários.

Silves

Lagoa — o foco da Reacção

SILVES, 11.—Quando dizemos que a Lagoa é uma vila essencialmente retrógrada, onde predomina a reacção, exercendo uma exploração ignóbil e desenfreada nos trabalhadores, que acorrenos por ideias de misticismo se deixam arrastar pelos discursos de Loloia, e seus seguidores, não reparamos algo de desmentido.

Subjugados pela miséria e pela ignorância, armas primárias do jesuita, os trabalhadores sofrem com resignação todos os capriches e vontades da seita negra e sanguinária dos solistas, sem que um assomo de revolta se apodere daquele povo faminto.

E a prova cabal do que afirmamos está no facto de o grupo dramático *«O Despertar»*, de Silves, que tem sido incansável em questões de solidariedade, se ter deslocado até Lagoa para realizar um espectáculo no teatro daquela localidade, cujo empresário cedeu amavelmente, e ser alvo duma enorme campanha da parte daqueles cuja moral perversa e degradante de esculptores nos repugna.

Inculturar no povo a ideia de que ninguém fosse ao teatro pois tratava-se dum grupo de bolchevistas, e o povo ignorante, porquanto não possui outras qualidades que não seja obedecer humildemente ao senhor sem ao, não compreendeu.

E estes estudos, futuros pais da pátria, de cérebros tucanos e medievos, afeiçoados a rotina de todas as imoralidades, que nos acunham de bolchevistas e que pretendiam assaltar o teatro, aqueles que amanhã apregoarão *ordem e progresso*, foram os que queriam provocar a desordem, valendo-se do povo faminto e escravizado, e se o não fizeram, foi porque a sua moral de cretinos e devassos condiz com a sua enorme cobardia.

Compreende-se que um povo que procede desta forma para com um grupo dramático desconhece por completo o que seja teatro, o que não admira, porque enquanto nos moviam a terrível campanha, a igreja encontrava-se repleta.

Espalharam uma atmosfera de terror contra os componentes do grupo e, como a ignorância é a base do reacçãoário, o povo acreditou que o grupo era composto de agentes enviados de Moscova e, receoso de que fossem implantar o regime dos soviéticos em Lagoa, aplaudiu a campanha dos reacçãoários, confiado de que Deus o suavisaria do seu sofrimento, em que, enlevado pelas doutrinas de corrupção, se deixa definir lentamente, tudo sofrendo e suportando sem um queixume em holocausto a esse Deus imaginário e aos interesses dos seus eternos exploradores.

Entretanto o grupo, depois de ter realizado o espectáculo, com o drama *«Os Ladrões da Honra»* e em que a plateia era composta na sua maioria por rapazes de Silves, que o tinham acompanhado, retirou convencido de que Lagoa era a localidade mais retrógrada de todo o Algarve.

Edições de A SEMENTEIRA

Práticas neomaltusianas..... 5\$0
O sentido em que somos anarquistas..... 5\$0
A peste religiosa..... 5\$0
A Liberdade..... 5\$0
A Internacional (música e letra)..... 3\$0

Pedidos à A BATALHA ou no Caisdo Sodré, 82

xima segunda feira o primeiro expresso Londres, Paris, Berlim, Moscova, V্লাdivostok, que dará também ligação directa para Tientsin, Varsóvia, Odessa e Tiliis. — (L.)

TIEN TSIN, 13.—O navio japonês *«Chibimaru»* chocou com a canhoneira italiana *«Cabot»*. As avarias sofridas são insignificantes. — (L.)

BUDAPEST, 13.—Foi adiada para amanhã a conferência da *Pequena Entente*. — (L.)

BERLIM, 13.—Os jornais ocupam-se de aterragem dum avião alemão no corredor polaco e de detenção dos aviadores pelas autoridades, que os tiveram encerrados dois dias. — (L.)

VIENA, 13.—O vice-chanceler do novo gabinete será um membro da federação agrária. — (L.)

VARSOVIA, 13.—Um incêndio destruiu por completo o grande hangar do campo da aviação de Varsóvia. — (L.)

ACORRENDO NO PELO de "A BATALHA"

Começa a intensificar-se o auxílio ao órgão dos trabalhadores. O proletariado anima-se e dos seus parcos recursos destina à BATALHA a sua cota parte de esforço.

A crise que atravessa não lhe permite corresponder melhor às necessidades do jornal, contudo a sua grande dedicação e a clara visão do momento que passa, faz com que se aperceba cada vez melhor da indispensabilidade desta tribuna rebelde, em defesa da liberdade e das conquistas alcançadas.

A questão está posta, desde o seu início, com toda a clareza; não precisa de frases sonoras e retumbantes para lhe dar alma.

A BATALHA é dos trabalhadores e estes tem, por isso mesmo, o dever de defender através de tudo a sua existência.

Portanto, hoje, sábado, em todos os locais de trabalho deve ser lembrada A BATALHA, e que os trabalhadores mais conscientes sejam os primeiros a dar o exemplo para a sua manutenção.

Transporte 2.690\$50

Quete em Chaves (35\$00):	
Francisco Dias Bastos	2\$50
José da Cunha	2\$50
João Oliveira Ramalho	2\$50
António de Castro	2\$50
João Ferreira da Cruz	2\$50
Flávio da Rocha	1\$50
João Moreira	1\$50
Albino Gonçalves	1\$50
Antero Martins	1\$50
Domingos Gonçalves	1\$50
Abel Fontes	1\$50
Laurentino Teixeira	1\$50
Domingos Carneiro	1\$50
Francisco Nunes	1\$50
António Sagarosa	2\$50
António Ferreira	2\$50
João Domingos da Silva	1\$50
António Salgueiro	1\$50
António Ferreira	5\$0
Manuel Fernandes dos Santos	5\$0
Manuel Marques	5\$0
Manuel da Costa Santos	5\$0
Avelino Reis	5\$0
Manuel de Oliveira	2\$50
Quete no P. A. M. nas diferentes secções (Lista n.º 18):	
Associação dos Marítimos de Silves	77\$90
Um grupo ferroviário da C. P.	70\$00
Sindicato do Pessoal da Imprensa Nacional (Listas n.º 2 a 10)	34\$50
Nacional (Listas n.º 2 a 10)	257\$00

A transportar..... 3.165\$60

Horário de trabalho

Reúne-se ontem o Conselho de Secções do S. U. C. Civil para tratar do horário de trabalho, que está sendo transgredido por alguns mestres de obras.

Foi resolvido enviar hoje junto do governador civil os seus delegados, para tratarem deste assunto.

DESPORTOS

NO ESTRANGEIRO

«Tennis internacional

HAIA, 13.—A América bateu a Holanda, no desaloio internacional de *tennis* por 4 a 1. — (L.)

Lisboa trágica

Ossos do ofício

Receberam curativo, no hospital de S. José Manuel Lopes, 22 anos, residente na Avenida 5 de Outubro letras C. P. servente de pedreiro, que na rua de Arroios andando a descarregar cal para uma obra, foi colhido por uma saca que lhe queimou muito os olhos.

Atingido por um tiro

No Banco do Hospital de S. José recebeu curativo recolhendo em seguida a casa António Ribeiro Faísca, 52 anos, natural e residente no Barreiro, tripulante do vapor de pesca *«Canoa Camélia»* a qual quando singrava em frente de Cascais, foi atingido por um tiro, que parece ter partido desta cidade, de soldados que andavam em exercício ou caçando, ficando ferido no braço direito.

Ligeira indisposição

Carolina Moreira, 30 anos, residente na rua de S. Jerónimo, 89, loja café próximo da sua residência, por ter sofrido uma ligeira indisposição, resultando fratura do punho esquerdo. Depois de pensada no beirão do hospital de S. José, recolheu a casa.

Quedas desastrosas

Júlia de Assunção Lopes, 13 anos, residente no Beco das Flores 11, 1.ª que indo ao chafaziz buscar água, caiu pela escada da sua residência que andava a ser esfregada, resultando partir o braço direito. Recebeu curativo no banco do hospital de S. José, recolhendo em seguida a casa.

No posto da Cruz Vermelha do Calvario recebeu curativo e recolheu a casa Armando Rainha, 12 anos, residente na Rua Silva Carvalho, e que próximo da sua residência caiu duma bicicleta que montava, ficando ferido nos joelhos.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

E

TERRAS DE FOGO

TEATROS MUSICA CINEMAS

GINNASIO

A peça nova

O adiamento forçado da inauguração da época de verão, no Ginásio, ainda mais veio aguçar a curiosidade do público pela peça que, nessa noite, terá ali a sua «première». É a comédia-farça *«O Perigo Amarelo»*, que Gil Ferreira está ensaiando escrupulosamente, e que será interpretado por um excelente conjunto artístico.

SALÃO FOZ

«Secretário dos Amantes»

Lino Ferreira, Silva Tavares, Lopo Lauer, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues, autores do *«Secretário dos Amantes»*; Felipe Duarte, Angel Gomez e Raul Ferrão, autores da música, e Augusto Soares, que admiravelmente pôs em cena tão engraçadíssima revista, podem orgulhar-se de terem conseguido obter um dos maiores êxitos do teatro ligeiro nos últimos tempos. Que o digam as sucessivas enchentes que o Foz regista todas as tardes e todas as noites.

Hortense Luz, Adelina Fernandes, Maria Laura, Luísa Durão, José Vitor e Joaquim Prata são os interpretes da triunfante revista, valorizada agora com o concurso da distinta bailarina francesa Germaine.

A «matinée» e a «scirée» de hoje começam pelo emocionante «film» em 7 partes *«Sacrifício inútil»*, e todos os números do programa são acompanhados pela popular orquestra *«Foz Melody Band»*.

EDEN-TEATRO

Ninguém deve deixar de ir ver a *«Mouraria»*, a linda opereta que o Eden tem em scena, com tão encantadora música que por toda a parte ela é cantada. A famosa peça em que Almeida Cruz tem ensejo de fazer valer os seus recursos de cantor, acompanhado de Evangelina Bastos; em que Margarida Ferreira com Maria Cardim cantam os deliciosos fados da *«Mouraria»* *«Cezaria»* e *«Aljube»*; em que Mario Fernandes, o cantor de *«A Canção Nacional»* é festejadíssimo no seu inspirado repertório; em que Augusto Costa, Artur Rodrigues e Maria Mesquita têm pilhas de graça, tudo isto, pode ser apreciado, no Eden, em duas sessões, por preços baratos.

Espectáculos de hoje

TEATROS

São Luís—A's 21,30—*«Bairro Alto»*.

Eden Teatro—A's 20,45 e 22,45—*«Mouraria»*.

Variedades—A's 20,30 e 22,30—*«A Sa- grada Família»*.

Avenida—A's 21,30—*«O bom ladrão»*.

Maria Vitória—A's 20,45 e 22,45—*«Re- viravolta»*.

Salão Foz—A's 15 e 21—*«Secretário dos amantes»*.

João de Almeida—A's 20 e 21—*«Cinema e variedades»*.

CINEMAS

Chiado Terrace.—Todas as noites animatógrafo.

Tivoli.—Todas as noites animatógrafo.

Salão Olimpia.—Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatógrafo e concerto musical.—Rua dos Condes.

Jardim Zoológico.—Exposição de animais.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Caixa de Assistência e Previdência aos

Oficiais e Tripulantes da Marinha Mercante

O Conselho Administrativo tem-se ocupado da instalação definitiva da sede da Caixa, assunto que considera bem encaminhado e em via de breve solução. Foi também apreciado o pedido de demissão do sr. W. Lloyd, representante da secção dos

MARCO POSTAL

Alte—Estefânia Sousa Lúcia—Recebemos 2250. Pagou a assinatura até 30 de Junho, p. 1.
Hipólito Pereira—Qualquer parte—Recebemos expediente, incluindo atrasado.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Assembleia geral extraordinária dos srs accionistas

2.ª CONVOCAÇÃO

Não se tendo podido constituir a assembleia geral extraordinária, convocada para hoje, por falta de número legal de srs accionistas, em conformidade com o art. 34.º dos Estatutos são novamente convocados os srs accionistas a reunir em assembleia geral extraordinária na quinta-feira, 19 de Maio corrente, pelas 15 horas, na sede social desta companhia, Estação Central do Rossio.

Nos termos do citado artigo dos Estatutos e do art. 184.º do Código Commercial poderá esta assembleia geral extraordinária constituir-se e deliberar validamente, qualquer que seja o numero de srs accionistas presentes ou representados, bem como qualquer que seja o quantitativo do capital representado.

A ordem do dia para esta assembleia extraordinária é a mesma que tinha sido indicada para a assembleia originariamente convocada, e cujo teor é o seguinte:

ORDEN DO DIA

1.ª—Apreciação de assuntos relativos à doutrina de que tratam o § 6.º do art. 3.º e a alínea a) do art. 18.º dos Estatutos.

2.ª—As cartas de admissão à assembleia geral serão passadas pela comissão executiva da companhia em vista dos depósitos das acções.

3.ª—Lisboa, 4 de Maio de 1927.

O vice-presidente da mesa da assembleia geral, José Feliciano da Costa.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

LEILÃO

Em 23 do corrente e dias seguintes, às 11 horas na estação desta companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Público A. n.º 1 de Fevereiro de 1920, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de Despesas Accessorias, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retirar-lhes, pagando o seu débito à Companhia, para o que terão de dirigir-se à Repartição de Recuperação e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias até 21, das 10 às 17 horas.

O leilão realiza-se no Armazém situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolónia, defronte do gradimento.

Lisboa, 6 de Maio de 1927.—O engenheiro sub-director, Lima Henriques.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a: FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

Cantina Escolar São Miguel

L. da Cantina Escolar, 10

Ao abrigo do art. 17.º, §§ 1.º e 2.º dos estatutos, convoco a reunião de assembleia geral para 21 do corrente, pelas 21 horas. Não comparecendo número legal fica, desde já, a mesma convocada para 31 deste mês, à mesma hora.

Lisboa, 12 de Maio de 1927.

O Presidente da Mesa, — (a) José Maria Antunes.

LEILÃO DE PENHORES

R. A. M. Alegrete, 30

Definitivamente a 16

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2500; pelo correio, 2650. Pedidos a administração de A Batalha.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.

Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às 5 h.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 h.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 h.

Doenças das senhoras—Dr. C. Afonso—2 h.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 h.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3 h.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Reio X—Dr. Alceu Saldanha—4 horas.

Análises—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

AVISO AO PUBLICO

Faz-se público que, tendo sido adjudicada a esta Companhia a exploração das linhas férreas que o Estado estava explorando directamente, a mesma Companhia vai continuar de sua conta a exploração das referidas linhas a partir de 11 do corrente.

Embora temporariamente continue, para o tráfego que haja de transitar por Companhia, Vendas Novas ou Lisboa, a executar-se determinadas formalidades de transmissão, as taxas correspondentes a essas formalidades ou às operações delas derivadas deixam de ser cobradas ao público a partir do indicado dia.

Lisboa, 9 de Maio de 1927.—O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua industria tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de forno em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório: Calçada do Combro, 33-A, 2.ª

Banco de carpinteiro

VENDE-SE e ferramentas tudo em bom estado. Ver e tratar na rua da Trombeta, 4 (ao Bairro Alto) das 9 às 17, todos os dias, excepto ao domingo.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA, IDEARIO.

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capitulos:

Doutrina — Critica Social — Educação

Libertaria — Tactica — Evolução e Revolução — Violência — Libertaria

Autoridade — Ensayos Filosóficos — Libertario — Ideia Iconoclasta — Moral

Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Española — Hombres Representativos — Trabajos Polémicos — Lecturas — Fragmento inédito.

Preço 18000—Pelo correio 19350

Devolutos a Administração J. A. BATALHA.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 53 desta novela intitulada Laude Amor por Elias Garcia. Preço, \$60.—Pedidos a administração de A Batalha.

Biblioteca de Instrução Profissional

Elementos gerais

Algebra elemental.....13\$00

Arithmetica.....15\$00

Desenho linear geométrico.....12\$00

Elementos de electricidade.....12\$00

Elementos de fisica.....12\$00

Elementos de geometria.....12\$00

Elementos de Modelação.....12\$00

Elementos de Projectos.....12\$00

Elementos de Quimica.....12\$00

Geometria plana e no espaço.....13\$00

Fabricante de tecidos.....13\$00

Mecânica

Torneio e Fresado mecânicos.....15\$00

Desenho de máquinas.....25\$00

Material agricola.....13\$00

Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor.....13\$00

Problemas de máquinas.....16\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções.....16\$00

Edificações e Cantaria.....13\$00

Encanamentos e salubridade das habitações.....13\$00

Material de construção.....20\$00

Terraplenagens e aterros.....13\$00

Trabalhos de Carpintaria.....16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas.....20\$00

Foguetes.....16\$00

Formador e estuador.....13\$00

Fundidor.....16\$00

Pilagem.....12\$00

Industria alimentar.....12\$00

Industria do vidro.....12\$00

Manuais de officos

Galvanoplastia.....16\$00

Motors de explosão.....20\$00

Navegante.....16\$00

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em lingua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é um relato histórico, documentadissimo e detalhado das lutas originadas, pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fasciculo de 48 páginas, 162; plus 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º, 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º, 22.º, 23.º, 24.º, 25.º, 26.º, 27.º, 28.º, 29.º, 30.º, 31.º, 32.º, 33.º, 34.º, 35.º, 36.º, 37.º, 38.º, 39.º, 40.º, 41.º, 42.º, 43.º, 44.º, 45.º, 46.º, 47.º, 48.º.

Estão publicadas as seguintes fasciculos:

1.ª—La era de la esclavitud;

2.ª—La rebelión de Esparta;

3.ª—Abolición de la esclavitud;

4.ª—Abyección y Servidumbre;

5.ª—La revolución de los siervos;

6.ª—La miseria de los agricultores;

7.ª—Transformación del Poder Feudal;

8.ª—El comunismo cristiano;

9.ª—Los miserables en la Edad Media;

10.ª—La libertad ilusoria;

11.ª—La agonia del absolutismo;

12.ª—El trabajo motor universal;

13.ª—El imperio de la guillotina;

14.ª—Las ideas sociales y la revolución francesa;

15.ª—Los primeros tiempos del salariado;

16.ª—Hospitales, cárceles y asilos;

17.ª—Las crueldades de la burguesia republicana;

18.ª—Los héroes de la Comuna;

19.ª—Horribles matanzas de Comunistas;

20.ª—La República Española y la clase obrera;

21.ª—La Primera Internacional;

22.ª—El socialismo ante el Parlamento español;

23.ª—El futuro obrerista profetizado por Castelar;

24.ª—Pi y Suñer confunde a los enemigos del socialismo;

25.ª—Los precursores del Proletariado moderno;

26.ª—Crueldades burguesas;

27.ª—Los mártires de Chicago;

28.ª—Muerte heroica de cinco proletarios;

29.ª—El proletariado en América;

30.ª—Los dictadores mejicanos;

31.ª—Conclusión.

A' venda na administração de «A Batalha»

Cartilha do homem do povo.....\$50

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofrengue.....\$50

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva.....\$150

Cartas politicas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar.....\$100

A Humanidade, por Taraf Javol.....\$150

O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin.....\$200

Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchofer.....\$200

Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série.....\$250

O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva.....\$250

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas.....\$300

A Religião da Humanidade, por José Augusto Correira.....\$350

A Filologia perante a História, por Nobre Franca.....\$500

Os direitos do Estado, por A. Levisse.....\$250

Teófilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho.....\$300

O que é o socialismo, por E. Soisson.....\$150

O corpo humano, por A. Levisse.....\$250

Gravidez e parto, pelo dr. Desvurmeaux.....\$150

Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira.....\$200

Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira.....\$150

O concilio de Trento e a Civilização Moderna, por Alexandre Barbas.....\$350

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.

A venda nas livrarias em administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora.....3000

Sapatos em verniz.....3800

Botas pretas (grande salido).....4850

Botas brancas (salido).....2800

Grande salido de botas pretas.....3850

Botas de cor para homem.....4850

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.

Vir bem pois só lá encontra bom e barato.

A Social Operária é a rua dos Cavaleiros, 16-20, com Filial na mesma rua, n.º 45.

A EPOPEIA DO TRABALHO

POW—

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A' venda nas livrarias, ao preço de 6500 e, ácobrança, de 7500.

Pedidos a Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 33-A, 2.ª—Lisboa—Portugal.

LA NOVELA SOCIAL LLAMAS DE ODIO

E' o titulo do n.º 13 da interessante coleção de novelas que se publicam em lingua espanhola sob o titulo genérico de Novela Social, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$80. Pelo correio \$90.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO

Abel Botelho—Amanhã.....16\$00

Alexandre Heroullano.....18\$00

Lendas e Narrativas (2 volumes).....18\$00

Cartas (2 volumes).....18\$00

História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols).....27\$00

Adolfo Lima.....10\$00

Contracto do Trabalho.....5\$00

Educação e ensino.....5\$00

O ensino da história.....1\$50

Aquillino Ribeiro.....3\$00

Anatole France.....10\$00

Estrada de São Tiago.....10\$00

Jarolim das Tormentas.....10\$00

Via Sinuosa.....10\$00

As Fithas da Babilônia.....10\$00

Terras do Demo.....10\$00

Augusto Machado—Impossível redenção (novela).....\$25

Augusto de Sousa—Fólias perdidas (Fados).....10\$00

Bente Faria, — Missa nova (teatro em verso).....2\$00

Binet-Sanglé—A loucura de Jesus.....4\$00

Buckner, — O homem segundo a ciência.....12\$00

Charles Darwin—Origem das espécies.....14\$00

Camões Lima.....12\$00

O Estado e a evolução do Direito.....5\$00

O Amor e a Vida.....2\$00

Ceia dos Pobres.....6\$00

A Revolução em Portugal.....\$25

Cristiano Lima—A escola de N.º 11 Alvaros (novela).....\$500

Duarte Lopes—Frei Sangué.....\$500

Eça de Queiroz.....18\$00

O crime do Padre Amaro.....15\$00

O primeiro Basílio.....8\$00

O Mandarim.....28\$00

Os Maias (2 vols).....15\$00

A Religião.....12\$00

A Cidade e as Serras.....9\$00

Frade Mendes.....15\$00

Casas Ramires.....10\$00

Prosas Bárbaras.....9\$00

Ecce Paris.....9\$00

Cartas Familiares.....9\$00

Cartas de Inglaterra.....9\$00

Minas de Salomão.....15\$00

Notas Contemporâneas.....15\$00

Últimas páginas.....15\$00

Ernesto Haackel.....20\$00

História da Criação.....5\$00

Origem do Homem.....14\$00

Os enigmas do Universo.....4\$00

Monismo.....4\$00

Religião e evolução



CRÓNICA DE COIMBRA

A peregrinação a Fátima

Quatro retumbantes milagres e o mais que abaixo se verá...

COIMBRA, 13.—Passou hoje o dia 13 de Maio. Como nos anos anteriores, não deixou a Igreja de comemorar, com grande luzido, o aniversário da aparição da virgem nas terras pedregosas e áridas de Fátima. Somente o sol se recusou a colaborar nesta comemoração.

Coimbra virou, no dia 12, na véspera, desfilando pelas suas ruas um exército numeroso de automóveis, que conduziam grandes carrações humanas para o divino e histórico local da aparição de Nossa Senhora.

O dia 13, o da festa, o do aniversário, o Sol—exímio dançarino—não bailou, este ano, nos espaços. Sem embargo, deve ter sido como protesto contra o aniversário dum grande herói—o Marquês de Pombal—que hoje se comemora.

No regresso, na tarde do dia 13, vimos de novo passar intermináveis filas de velucos, que reconduziam às suas localidades vigários, vigaristas, pagãos e ingénios cristãos, que voltavam, cheios de crença, cantando, excitados pelo álcool e da fé, hinos à virgem.

Milagre! Milagre!

No regresso de Fátima, alguns peregrinos, na sua passagem por esta cidade, resolveram demorar aqui algumas horas para apreciar suas pupilas na contemplação da Atenas portuguesa.

Pelas 16 horas, começou a circular por toda a cidade a notícia dum acontecimento extraordinário. Uma multidão, esporeada pela curiosidade, surgiu de todas as ruas e convergia para a Universidade.

Sabia-se, sem pormenores, que um homem de cerca de 50 anos, caíra do alto da torre da Universidade, sem produzir uma beliscadura sequer. Era isto o que laconicamente toda a gente informava.

Mal a notícia desta estranha ocorrência feriu os meus tímpanos, dispuz-me imediatamente a ir colher completos informes do acontecimento.

Chegado ao local do sucesso, fui logo pôsto ao facto do misterioso caso, que se passara assim, segundo o testemunho dum amigo: Um cavalheiro dos seus 50 anos, de regresso de Fátima com a família, aproveitara a sua passagem por Coimbra, para mostrar aos seus as excelências da velha cidade universitária, que dorme envolta num véu diáfano de lenda, reclinada preguiçosamente sobre um monte, com o Mondego, romântico, a vir beijar-lhe os pés.

Depois das visitas a várias igrejas e museus, subiram à torre da Universidade, que domina todo o burgo, e donde os olhos se deleitavam na circunvisão dum vasto panorama.

Chegados lá acima, na intenção, talvez, de avaliar a altura da torre, o nosso homem debruçava-se na grade, apoiando-se nela com todos os 90 ou 100 quilos das suas carnes ilicidas. A grade, que era idosa, cedeu à acção daquele peso, e desconfiou-se, precipitando-se no espaço o chefe daquela família, a qual ficou estareçada de pavor.

Em baixo, no pátio universitário, um numeroso grupo de estudantes seguiu, horrorizado, toda a scena. Os menos animados desmaiaram. Tremuras percorreram as colunas vertebrais dos espectadores.

Com grande pânico, porém, dos estudantes, que aguardavam um rápido e trágico epílogo, o homem cadente veio, como um peão, rodopiando, cadente, no espaço, lentamente até tocar com as biqueiras no solo.

Num segundo, os académicos precipitaram-se sobre ele, desejosos de decifrar o enigma daquela queda original.

Sorridente, o homem mostrou uma medalha com a imagem de Nossa Senhora, que tinha fígada na mão, no momento do desastre, e, ante o pânico dasbaque dos académicos, gritou, triunfante:—Milagre! Milagre!

Algumas teias-de-aranha racionalistas que bambaleavam o cérebro daqueles implumes filhos espirituais de Minerva, foram desfeitas incontinenti. Os crentes ficaram mais afevorados ainda em sua fé. Mais meia dúzia de ovelhas transviadas, que voltaram ao redil da Santa Madre Igreja!

Os estudantes católicos, que presenciaram ocularmente a ocorrência miraculosa, carregaram logo às costas o autor daquela original descensão e levaram-no para o Centro Académico da Democracia Cristã (C. A. D. C.) onde lhe prepararam uma brilhante manifestação, na qual o dr. Gonçalves Cerejeira pronunciou uma soberba alocução de apologética milagreira, e a qual se não associou, como desejava, a banda do Troviscal, por há última hora isso lhe ter sido proibido pelas autoridades policiais. (Diga-se, entre parenteses, que a banda ecomulgada pretendia com esta atitude fazer o seu acto público de contrição, e fim-de conquistar a absolvição de sua ex-reverendíssima, o sr. bispo-conde, que lhe levaria o interdito...).

Resolvemos ir com os nossos olhos ver e com os nossos ouvidos ouvir o miraculoso, que, segundo me acabavam de informar, se conservava no C. A. D. C. em exibição—para a teu ver...—como um dos mais interessantes e vivos exemplos da potência miraculosa de Fátima.

No C. A. D. C.—Alguns milagres

Corri para o C. A. D. C. A porta do centro católico principiava uma bicha de curiosos, que descia pela Couraça de Lisboa, vindo terminar no Largo de Miguel Bombarda (Portagem).

A custer, com grandes empenhosos, conseguiu entrar sem formar na cauda daquela bicha gigantesca.

Como se chama?—preguntei ao miraculoso, que tinha aos ombros apostas a capa dum académico ceadista.

—Manuel Joaquim Canaveiro, natural e residente em Aveiro—respondeu-me, de pronto, o interpelado, com um sorriso que pretendia ser de cordealidade.

—Atribui então à intervenção miraculosa de Nossa Senhora, a queda, sem consequências desastrosas, do alto da torre, não é verdade?

fenômeno da minha descida lenta e rodopiante, no ar, até aterrar, sem qualquer contusão?

Foi, sem dúvida, devido à misericórdia da Virgem, cuja imagem eu tinha fígada na mão, no momento da queda!

—Como foi a Fátima, pode informar-me: zhouve por lá, este ano, muitos milagres?

—Alguns! Alguns! Este, por exemplo, é notável: quando eu passava com minha família em Leiria, à janela duma casa assomou um braço—dum ateu, sem dúvida alguma—que arremessou uma bomba enorme sobre um automóvel, que seguia com eclesiásticos, à nossa frente. A bomba vi-a eu, com estes olhos que a terra há-de digerir, descer até quasi à altura das cabeças dos sacerdotes. Eu, minha mulher e minha filha ficámos apavorados; trememos numa convulsão, prevendo o fatal desfecho. Pois, com grande espanto de todos, a bomba voltou, fumegante, numa linha ascendente, ao ponto de partida, indo explodir junto do hereje que a arremessara. Não pudemos presenciar o resto, porque o automóvel prosseguiu, com vertiginosa velocidade, impellido parece que por uma força misteriosa, que nos queria furtar à contemplação da morte horrorosa dum herejia. Hoje, lemos nos jornais que o hereje ficou numa lástima, estrangulado pela explosão da própria bomba que arremessara.

—Passei. Ele continuou:

—Há mais ainda.

—Sim?...

—É verdade. Vários homens e mulheres que a Fátima foram, carregados de ouro, viram desaparecer, misteriosamente, correntes, relógios, fios, brincos, pulseiras, broches...

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

—Não, senhor. Conversei com alguns devotos a quem tal sucedeu, e todos, unanimemente, me afirmaram que não haviam visto nem sentido mão humana apreender-lhes os referidos objectos. Foi, não me resta dúvida, a mão divina de Nossa Senhora que milagrosamente lhos tomou, por considerá-los, talvez, bem mais necessários para a propagação do seu reino e da sua virgindade, do que para a vaidade balafo dos pobres pecadores, dos pobres mortais, em quem o ouro exerce uma diabólica tentação.

—...roubados, provavelmente...—ata-lhei.

Sobre organização

111

Necessidades e órgãos artísticos, científicos, morais, jurídicos e políticos

Neste estágio social firmam-se as necessidades, intensificam-se, multiplicam-se; complicam-se o organismo social torna-se cada vez mais complexo, no insaciável aperfeiçoamento.

O mútuo afecto, expandindo-se nas ocasiões de satisfação gastronómica, de loisir económico, traduz-se na brincadeira, no jogo ou ludus latino, na convivência amistosa.

Esta necessidade exercitada, canalizada, origina sentimentos, uma estética, ou seja a forma subjectiva da arte. A função artística começa então a organizar-se, surgem agregados com o fim de satisfazer essa necessidade do belo objectivado na arte. O mundo do agregado familiar, ela é, antes de tudo, influenciada pela genética, pela vida sexual.

A arte assume, depois, um carácter mais subtil, emancipa-se, perde o aspecto grosseiramente sensualista pela sucessiva e progressiva educação dos sentidos, subdivide-se e especializa-se, intensifica-se, e surgem diversos órgãos especiais, tendo como função satisfazer a necessidade estética: o teatro, as sociedades de recreio, as academias de belas artes, as lojas de vestuário, de mobiliário, a habitação arquitectónica, a literatura, etc.

Mas dentro da sociedade e nomeadamente dentro do aparelho artístico, nascem outras necessidades e o ser humano agrupa-se, organiza-se noutros agregados para as satisfazer.

A observação da natureza, a impressão de grandezza e de terror que lhe causam os seus poderosíssimos elementos em luta, a imitação dos seus diversos fenómenos levam os indivíduos a querer relacionar as causas e os efeitos. Indirectamente, pelo sentimento, a arte satisfaz a necessidade intelectual, científica. Ela antecipa-se à ciência. Os grandes artistas, além de conhecerem o belo, apresentam intuitivamente o futuro, prevêem as descobertas dos sábios. Os artistas gregos, antes que fossem estudadas a organografia, a esquelografia, a miologia ou a neurologia, já faziam ideia das formas humanas como eram as suas modernas essências. Todo o trabalho artístico envolve indirectamente, pela sua concepção ou interpretação uma parte intelectual, embora esta esteja evidentemente subordinada ao sentimento, num segundo plano.

As diversas religiões são consequência deste estágio psíquico, são uma manifestação deste estágio social, em que, pelo sentimento, pela fantasia e pelo terror do sobrenatural se procura explicar os diversos fenómenos de que o ser humano tem percepção e satisfazer a necessidade determinista.

As crenças são a passagem da vida puramente nutritiva, genética e emocional para a intelectual, por intermédio duma mentalidade ingénua e ignorante: correspondem socialmente à idade da infância em que se procura o porquê, a causa e o fim das coisas. As religiões, concretizadas, por fim, em órgãos constituídos por especialistas (feitiçeiros, oráculos, augures, profetas, astrólogos, teólogos, sacerdotes, etc.) que se dizem sabedores das causas de toda a fenomenalidade, são antes obras sentimentais em que a arte tem grande influência e a imaginação procura dar simbolicamente as razões de tudo... que ignora.

Muito depois da ciência ter explicado dum modo positivo os fenómenos, ainda as religiões permanecem, existem organizadas, prolongando-se além da sua desnecessária função—mercê dum ensino caro, reacção e só para privilegiados—não já para satisfazer uma necessidade intelectual de explicação dos fenómenos, mas sim, com o seu aspecto meramente espectacular, cerimonioso, e, não raras vezes, ridículo solene e pomposo.

Os órgãos religiosos têm por função histórica servir, a título precário, de transição entre a explicação indirecta dos fenómenos por meio da ciência, cuja função é satisfazer igualmente a necessidade intelectual de saber as causas e os efeitos das coisas.

As religiões, com as suas explicações estapafúrdias e fantasistas obscurecem as inteligências; a ciência com as suas leis naturais esclarece as mentalidades.

Os órgãos científicos são as escolas, os laboratórios, os gabinetes dos sábios, os observatórios, os museus, os institutos, as academias científicas, os livros, as revistas das especialidades, etc. etc., dividindo-se e subdividindo-se em tantos órgãos e grupos de órgãos quantos são os diversos objectos dos nossos conhecimentos.

Satisfeitas, num certo ponto, as necessidades económicas, genético-afectivas, artísticas e intelectuais, ainda sob a fase religiosa das crenças, vemos surgir a simpatia, a afinidade, as relações amistosas para além do núcleo familiar—a necessidade de regular e reger o procedimento social dos indivíduos, que os costumes fixam numa complexidade crescente e que acabam por organizar-se constituindo o aparelho da moral.

A princípio a moral confunde-se com a religião: os órgãos que têm esta função desempenham igualmente aquela. O procedimento social dos indivíduos tem como sanção o pretenso castigo da parte dum Deus vingador, rancoroso e imprevidente.

(Continua)

POLICLINICA POPULAR

Rua Moraes Soares, 114

Telef. 5460-N.

Cirurgia, Operações—Dr. Abel da Cunha—às 15 horas.

Coração e Pulmões, Clínica Médica—Dr. Leão da Silva—às 16 horas.

Doenças da boca e dentes—Dr. Gonçalves Viterbo—às 9 e 11 horas.

Doenças das crianças—Dr. Fias de Matos—às 12 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Sousa Aguiar—às 15 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Isabel Pereira—às 17 e 19 horas.